

Indicadores revelam agravamento de crise climática global¹

Daniela Chiaretti²

Todos os indicadores climáticos medidos globalmente bateram recorde em 2023. Um novo relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM) mostra que 2023 ultrapassou os registros históricos em temperatura, emissão de gases de efeito estufa, acidificação dos oceanos, aumento do nível do mar, cobertura do gelo marinho da Antártica, recuo das geleiras. “A crise do clima é o desafio definitivo que a humanidade enfrenta”, disse a secretária-geral da OMM, Celeste Saulo, no lançamento do “State of the Global Climate 2023 Report”³.

A crise climática, continuou, está “intimamente relacionada à crise da desigualdade com os desdobramentos em insegurança alimentar, grandes deslocamentos populacionais e perda de biodiversidade”. Seguiu: “É preciso pensar no interesse das futuras gerações e não nos interesses econômicos de curto prazo”. Celeste Saulo, meteorologista argentina e professora, assumiu a liderança da OMM em janeiro. É a primeira vez que uma mulher é eleita para o posto e a primeira vez que o cargo é ocupado por um cientista do Sul Global.

O relatório confirma que 2023 foi o ano mais quente já registrado, com a temperatura média global próxima à superfície em 1,45°C (a margem de erro é de 0,12°C para cima ou para baixo) em relação aos níveis pré-industriais. Foram, também, os dez anos mais quentes.

“Nunca estivemos tão perto do limite de ficar abaixo de 1,5°C”, disse Celeste Saulo, lembrando o compromisso do Acordo de Paris. O relatório da OMM deixa claro que eventos extremos ameaçam o desenvolvimento sócio-econômico dos países. “As mudanças climáticas são muito mais do que temperaturas. O que testemunhamos em 2023, especialmente com o aquecimento sem

¹ Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/03/20/indicadores-revelam-agravamento-de-crise-climatica-global.ghtml>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

² Jornalista do Valor Econômico.

³ <https://wmo.int/publication-series/state-of-global-climate-2023> .

precedentes dos oceanos, o recuo das geleiras e a perda de gelo marinho na Antártica, é muito preocupante”, disse.

As geleiras monitoradas no mundo sofreram a maior perda já registrada desde 1950. A extensão do gelo marinho da Antártida foi o mais baixo já medido. Sua extensão máxima, no final do inverno, foi um milhão de km² abaixo do recorde anterior. É o tamanho da França e da Alemanha juntas.

No fim de 2023, mais de 90% do oceano havia experimentado situações de onda de calor em algum momento. A taxa de aumento do nível médio global do mar nos últimos dez anos (2014-2023) é mais do que o dobro da taxa do nível do mar na primeira década do registro de satélite (1993-2002).

Para o mundo tentar conter o aquecimento da temperatura em 1,5°C os investimentos anuais em financiamento climático deveriam ser seis vezes maiores atingindo US\$ 9 trilhões em 2030 e US\$ 10 trilhões em 2050.

Em 2021/2022, os fluxos financeiros globais relacionados ao clima atingiram US\$ 1,3 trilhão. É quase o dobro do período anterior, mas estão dramaticamente baixos. Representam apenas 1% do PIB global, aproximadamente, de acordo com dados da Climate Policy Initiative.

O relatório mostra que eventos climáticos causaram grandes impactos socioeconômicos em todos os continentes. Foram enchentes, ciclones, ondas de calor e secas com incêndios florestais.

“Os riscos climáticos e meteorológicos ampliaram os desafios com a segurança alimentar, os deslocamentos populacionais e os impactos sobre as populações vulneráveis”, diz o texto. “Não podemos nos permitir não fazer nada”, disse a cientista.

A adaptação ao clima continua sendo completamente insuficiente. O financiamento chegou a US\$ 63 bilhões em 2021/2022, um recorde, diz o relatório, mas a lacuna global entre o que é preciso para a adaptação aos eventos climáticos extremos e o volume de recursos disponíveis só está aumentando. Seriam necessários US\$ 212 bilhões ao ano até 2030, apenas nos países em desenvolvimento.